

A QUESTÃO DO VALOR NA LINGUAGEM PARA (O CÍRCULO DE) BAKHTIN

Mariléia Tenório Dionísio*

Resumo: Apresento uma síntese do estudo que teve por objetivo investigar o estatuto do valor (axiologia) na concepção de linguagem dentro do pensamento do Círculo de Bakhtin. Justificou este trabalho a possibilidade de contribuir no preenchimento da lacuna nos estudos bakhtinianos publicados no Brasil. Caracteriza-se como uma pesquisa teórica inicialmente bibliográfica, entretanto ressignificada à luz do arcabouço epistemológico também bakhtiniano. Seleccionada uma parcela das obras do Círculo¹, dois foram os pontos de partida: (1) a constatação da intermitência conceitual-terminológica e (2) a dimensão axiológica como uma das três grandes coordenadas da concepção de linguagem bakhtiniana, de acordo com Faraco (2006a). Pontos de chegada: ratificação do valor como eixo na concepção de linguagem e, sem a questão axiológica, o dialogismo corre o risco de ser compreendido apenas como mais um conceito abstratizado.

Palavras-chave: Valor. Axiologia. Linguagem. Bakhtin.

Abstract: Tone, intonation, emotional-volitional tone, index of social value, expressiveness, value-based positioning, value judgment, evaluation, assessment, point of view and ideology are all notions related to the issue of value (i.e., axiology) within the framework of ideas of the Bakhtin Circle. Considering the studies that have been published based on the bakhtinian thought in Brazil to date, we can say that most of them deal with those concepts in one way or another (e.g., Faraco, Miotello, Sobral, Amorim, Souza and Tezza). Nonetheless, there is no particular study that focuses on the relationships between the conception of language and the questions of value. Thus, the aim of this dissertation is to find out the status of value within the bakhtinian concept of language in some of Bakhtin's oeuvres. The adopted methodology is also based on the Bakhtin's concept of epistemology as our approach tries to establish dialogues between the original writings and the Brazilian authors that addressed the subject.

Keywords: Value. Axiology. Language. Bakhtin.

“Viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida, significa ser numa ótica axiológica” (BAKHTIN, 1992[1920-24], p. 203)

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil, marileiatd@yahoo.com. Orientação: Prof. Dr. Luciano Novaes Vidon.

¹ Para uma *Filosofia do Ato* (PFA, sigla adotada deste ponto em diante, bem como as outras apresentadas a seguir), *Discurso na Vida Discurso na Arte* (DVDA), *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (MFL), *Problemas da Poética de Dostoiévski* (PPD) e os seguintes artigos que compõem a coletânea *Estética da Criação Verbal* (ECV): *O autor e o herói* (AH), *Os gêneros do discurso* (GD), *O problema do texto* (PT), *Apontamentos 1970-1971* (A) e *Observações sobre a epistemologia das ciências humanas* (OSECH).

Introdução

A questão do valor ou axiologia emergiu como tema de pesquisa nos “estudos bakhtinianos” dentro de um quadro no qual os termos carnavalização, polifonia, dialogismo e gêneros do discurso mantinham e ainda mantêm destaque. O que não quer dizer que esses conceitos “principais” encerrem a contribuição de Bakhtin, que tudo já foi dito sobre seu pensamento e que inexistem controvérsias a respeito. A recepção do pensamento bakhtiniano deixa entrever um complexo movimento como bem representam os rótulos que a ele foram atribuídos ao longo dos últimos 40 anos: proto-estruturalista, pós-estruturalista, mais um formalista russo, antiformalista, fenomenologista, o criador da categoria do romance polifônico, teórico do romance, interacionista, lingüista, teórico da literatura, um homem religioso e um marxista dialogando entre si, materialista, cristão-ortodoxo, humanista, fundador de discursividades, neokantiano, moralista, arauto da carnavalização, mistificador, teórico da cultura, mestre do plágio, um incômodo, um barato ... mas difícil. Não se trata, no entanto, de aqui acrescentar mais um: axiólogo ou axiologista. Trata-se, repetimos, de buscar compreender a dimensão axiológica (conceito? categoria? princípio? eixo? elemento ou núcleo de um agrupamento conceitual? protótipo? ...?) e suas implicações na linguagem para o Círculo. E, com esse intuito, foi trilhado um caminho reflexivo que ao final resultou no texto da dissertação organizado da seguinte maneira.

No primeiro capítulo procuramos explicitar a pesquisa que aos poucos foi se delineando e afirmando como teórica e bibliográfica, contudo embebida nas reflexões epistemológicas bakhtinianas. A identificação de diferentes termos decorrentes do movimento conceitual (um exercício de não-acabamento e inconclusibilidade) em torno da questão do valor distribuídos nas obras do círculo aqui contempladas foi o principal elemento definidor da organização da outra parte do trabalho. Assim, no segundo capítulo, “tom emocional volitivo” e “centro de valor” foram os carros chefes para que se pensasse a fundamentação filosófica predominantemente em PFA. No terceiro capítulo, Valor e linguagem, no primeiro sub-capítulo a “entonação” nos orientou em DVDA, MFL e GD. No segundo sub-capítulo, priorizou-se a dimensão valorativa entrecortando “signo” e “ideologia” em MFL. Relações axiológicas e dialógicas se entrecruzaram no terceiro sub-capítulo, sobretudo em PPD. No quarto sub-capítulo, comentários esparsos que não se aglutinavam nem em torno de um único termo e nem predominantemente em uma única obra do círculo. Por fim, no quarto e último capítulo, algumas considerações (quase sempre nunca!!!) finais.

Proseando com Bakhtin sobre questões epistemológicas

Pesquisa teórica e bibliográfica: opções feitas. Acrescento: imersa nas reflexões epistemológicas e diretrizes metodológicas apresentadas pelo Círculo diretamente em seus escritos, e indiretamente pelo prisma de Miotello (2007a, p. 280-285) ao sintetizar o “método sociológico”, de Souza (1999, p. 14) com a “investigação dialógica” e de Amorim (2004, p. 14-16) com a proposta de uma “abordagem/perspectiva dialógica”. Tudo isso junto levou, como apontado anteriormente, a uma releitura da concepção de pesquisa bibliográfica, ainda que nos limites estritos desse trabalho. Três postulados foram tomados como parâmetros.

O primeiro diz respeito aos diferentes efeitos de conhecimento dependendo do tipo de relação que se estabelece entre aquele que investiga e o objeto investigado. Bakhtin defende que nas ciências humanas deveria ocorrer uma relação entre sujeitos: um sujeito (o ser humano que se põe a conhecer praticando um ato de cognição, o sujeito compreendente) e outro sujeito (ser humano que se pronuncia e fala, o sujeito compreendido).

No segundo, o texto é tomado como o dado primário e ponto de partida de todas as disciplinas nas ciências humanas. A inter-relação entre o homem, o(s) sentido(s), o signo, o texto. Nesse conjunto de signos (tanto verbais quanto não-verbais) sempre há um sujeito atribuindo sentidos, com sua visão de mundo, posicionando-se e interagindo dentro de um universo de valores.

E o terceiro, a questão do Ser e do mundo em seus sentidos múltiplos e amplos prevalece sobre uma concepção de mundo composta por objetos compartimentalizados, objetivos e a serem matematicamente calculados, com conseqüente “esquecimento do Ser”. Em outras palavras, o Círculo não se propõe definir um “conjunto de procedimentos para a análise literária e para a análise lingüística”, um “método”, um “projeto metodológico” e um “modelo instrumentalizante de uma análise científica”, porque defendem um pensamento de “natureza filosófica” e não de “natureza científica”, como esclarece Faraco.

A noção de valor: reflexões primeiras (ou: o valor em PFA)

A questão do valor em PFA se enreda numa trama na tentativa de superação do abismo entre o mundo real (da vida) e o mundo teórico (“meramente pensável”), união fundada na unicidade do ato-evento e na responsabilidade do Ser-evento; em torno da relação entre o singular e o universal, entre o processo e o conteúdo que representa esse processo, e,

entre o eu e o outro. Por outra perspectiva, está embutida na discussão sobre o dever (moral/ético), que se condensa na noção de responsabilidade ou não-álibi. De maneira bastante mais elaborada, em torno daquilo que seriam as bases da “filosofia do ato/ação responsável” e da revolução pela alteridade ou “filosofia do outro” para Ponzio (2008, p. 35, 45, 46, 47, 236, 238 e 255); de uma “filosofia moral” para Amorim (2009a, p. 18), de uma “*prima philosophia*” para Faraco (2006a, p. 17-24), de uma “*filosofia del acto ético*” para Bubnova (2006, p. 104), e da “filosofia humana do processo” para Sobral (2007c, p. 138; 2007b, p. 105; 2009, p. 124). Explícita e diretamente, a problemática do valor se faz presente em PFA na noção de tom emocional-volitivo e na de centro de valor.

Um dos intuitos de Bakhtin em PFA é elaborar “uma representação, uma descrição da arquitetura real, concreta, do mundo dos valores experimentados”. Fica explícita sua preferência pelo “mundo dos valores” e implícita sua reação às correntes que deixam parcial ou totalmente de lado a dimensão axiológica, como o positivismo.

Quanto ao *tom emocional-volitivo* uma versão simplificada compreenderia o “*valor real, afirmado*” ou “o valor realmente afirmado para aquele que pensa [e experimenta]” (BAKHTIN, 1993 [1920-4], p. 51). Em versão expandida, designa

precisamente o momento constituído pela minha auto-atividade numa experiência vivida – a experimentação de uma experiência como minha [...] Essa relação da experiência comigo como aquele que é ativo tem um caráter sensual-valorativo e volitivo – realizador – e ao mesmo tempo ela é responsabilmente racional. [...] O momento constituído pela realização de pensamentos, sentimentos, palavras, ações práticas é uma atitude ativamente responsável que eu próprio assumo – uma atitude emocional-volitiva em direção a um estado de coisas em sua inteireza, no contexto na vida real unitária e única (BAKHTIN, 1993 [1920-4], p. 54-55).

Já o “centro de valor” é o lugar único ativo do Ser que age participativa e responsabilmente em relação ao mundo experimentado concretamente. Encontra-se em oposição à idéia de um centro geométrico abstrato constituído de relações ou momentos (espácio-temporal, tom emocional-volitivo e significados) possíveis, imagináveis e universais. Para Bakhtin (1993 [1920-4], p. 79)

o mundo se dispõe em torno de um centro valorativo concreto [...] O que constitui esse centro é o ser humano: tudo nesse mundo adquire significância, sentido e valor apenas em correlação com o homem – como aquilo que é humano. Todo Ser possível e todo significado possível se dispõe em torno do ser humano como o único centro e o único valor; tudo [...] deve ser correlacionado com o ser humano, deve se tornar humano (BAKHTIN, 1993 [1920-4], p. 79)

Na opinião de Faraco, a reposição da contraposição dos dois centros de valor bem como a investigação da essencialidade dessa contraposição axiológica eu/outro foi o grande projeto intelectual bakhtiniano. Mas ele também explicita que “as relações um/outrem (a interação, portanto)” nos primeiros textos “é uma espécie de metafísica da interação”, “ainda sem a intervenção substancial e constitutiva da linguagem”. Somente a partir de 1926, é que se dá a “virada lingüística” do Círculo, quando então os “enunciadores não são vistos como seres empíricos, mas como um complexo de posições sociais avaliativas” (FARACO, 2006a, p. 71). O ponto de partida deste trabalho, ainda apoiada em Faraco, é que “o componente axiológico intrínseco ao existir humano” é um dos três eixos na concepção de linguagem do Círculo, juntamente com “a questão da unicidade e eventicidade do Ser” e “o tema da contraposição eu/outro” (FARACO, 2006a, p. 19 e 23).

Valor e linguagem - Ento(n)ação (ou: o valor em DVDA, MFL e GD)

A entonação (um dos termos que designa a questão axiológica na linguagem) para o Círculo engloba as alterações no comportamento físico da voz durante a fala ou tom entendido como padrão de altura da voz (graves, agudos, timbre, qualidade) ou a prosódia como variações de altura, volume, ritmo e tempo (velocidade de emissão), mas não se funda nessa dimensão psicobiofisiológica, nem se restringe a ela, nem tampouco a toma como objeto de estudo exclusivo. Por outro lado, para Bakhtin, outros são os atributos da entonação – extraídos de DVDA e nesse espaço apenas elencados – que merecem atenção: (a) a mais pura manifestação da avaliação e do julgamento de valor; (b) chão comum entre o discurso na vida e o discurso na arte; (c) social por excelência; (d) estabelece conexões entre o discurso verbal e o contexto extraverbal; (e) elemento do todo que envolve também os eventos da vida e o discurso verbal formando uma unidade indissolúvel; (f) determinada pelas avaliações e julgamentos, tanto quanto a seleção como a combinação de nossas palavras; (g) como um atributo mais amplo, é responsável pela seleção dos vocábulos (menos dos dicionários e mais das falas dos outros como decorrência de posicionamentos avaliativos e valorativos) bem como pela combinação (sintaxe) entre eles.

Em MFL, um dos destaques vai para o papel da entonação (expressiva) nas produções de sentidos. Vista por um lado, a entonação é suficiente na composição do sentido independentemente do suporte concreto lingüístico utilizado. Isto ocorre principalmente naquelas situações em que não são ultrapassados os “limites estreitos da situação imediata e

de um pequeno círculo social íntimo” (BAKHTIN, 1995 [1929], p. 134), como, por exemplo, nos discursos familiares. Por outro lado, nas demais situações, ela atua como “auxiliar marginal das significações lingüísticas”, e nesses casos “não traduz adequadamente o valor apreciativo”, muito embora isso não a desqualifique. Importa ressaltar em MFL a entonação expressiva quando compreendida na inter-relação com as noções de tema, significação e compreensão ativa. Vejamos:

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra (BAKHTIN, 1995 [1929], p. 132).

Merece destaque também a importância da questão do valor na linguagem entendida como apreciação: “é à apreciação que se deve o papel criativo nas mudanças de significação. A mudança de significação é sempre, no final das contas, uma reavaliação: o deslocamento de uma palavra determinada de um contexto apreciativo para outro” (BAKHTIN, 1995 [1929], p. 135).

Em GD “a entonação expressiva [...] é um dos recursos para expressar a relação emotivo-valorativa do locutor com o objeto do seu discurso” (BAKHTIN, 1992 [1952-53], p. 308). Tal proposição se insere dentro de uma discussão onde é tratada a problemática da expressividade como uma segunda fase na elaboração do enunciado (concreto) e das formas típicas de enunciados ou gêneros do discurso. Ela é um dos recursos pelo qual a relação emotivo-valorativa se manifesta, mas a língua também oferece outros recursos lexicais, morfológicos e sintáticos. Ao mesmo tempo, entretanto, “A relação valorativa [do locutor] com o objeto do discurso (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 1992 [1952-53], p. 308).

Encontramos também em GD uma tipologia que Bakhtin não estabeleceu sistematicamente, mas que pode contribuir para o propósito de tentar mapear minimamente um quadro geral, aqui apenas citado: (1) não-entonação da palavra na língua; (2) entonação expressiva individual do outro; (3) entonação expressiva do gênero do discurso; (4) entonação gramatical e, (5) entonação narrativa, exclamativa, exortativa.

Articulando DVDA e GD, pode-se afirmar que a questão do valor está presente no primeiro, quando Bakhtin reconhece a ocorrência da ideologia ou valor no campo do conteúdo, mas aponta também sua presença onde era menos estudada e compreendida, e,

portanto ignorada em sua força, no campo da forma, na entonação. Nos GD, continua o valor no campo do conteúdo (temático), contudo a discussão sobre a questão valorativa no âmbito da forma ganha novos contornos ao ser rerepresentada no domínio da estrutura composicional e do estilo.

Valor e linguagem - Signo e ideologia (ou: o valor em MFL)

Restrinjo-me à pergunta “em que medida há correspondência entre valor e ideologia?” e fico com a resposta de Faraco (2006a, p. 46): “algumas vezes, o adjetivo ideológico aparece como equivalente a axiológico”, explicando que “para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo”. E continua:

desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles, não existe enunciado não-ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica) (FARACO, 2006a, p. 46).

“Índice social de valor” é o termo que se encontra em MFL para designar uma das realizações do valor como componente do signo ideológico. E como a palavra, por suas propriedades² que a colocam como “signo ideológico por excelência” (BAKHTIN, 1995 [1929], p. 57), serve a falantes/grupos que defendem diferentes valores, ela se torna a “arena” onde os índices de valores contraditórios se confrontam.

Valor e linguagem - Relação dialógica (ou: o valor em PPD)

A questão do valor apresenta-se no 5º capítulo de PPD sob o nome de “juízo” (de valor), “posicionamento”, “posição de um autor” e “posição semântica”. E o valor é simplesmente indispensável na medida em que sem ele, independentemente de qual terminologia seja empregada, repetimos, sem ele não há relação dialógica. Escrito de forma invertida, toda vez que um sujeito se posiciona frente ao outro e tal situação se manifesta na

² Propriedades da palavra segundo Bakhtin (1995, p. 38): pureza semiótica, neutralidade ideológica, implicação na comunicação humana ordinária, possibilidade de interiorização, presença obrigatória como fenômeno acompanhante em todo ato consciente.

linguagem, tem-se uma relação dialógica. Em termos mais gerais ainda, toda vez que ocorre um juízo de valor e conseqüente realização na linguagem definindo uma posição autoral frente à outra posição autoral-valorativa, a relação dialógica se instaura.

É desprovido de fundamento tomar a noção bakhtiniana de voz como sinônimo de valor. Tal afirmação comprometeria nosso trabalho. No entanto, sem a noção de posicionamento valorativo, posição ideológica ou ponto de vista (esta última expressão de longe a mais utilizada por Bakhtin ao longo de PPD) a noção de voz se reduziria a um mero conjunto de elementos abstratos em associação dentro de um sistema, o que Bakhtin recusa e critica severamente.

Valor e linguagem - Comentários esparsos

O objetivo neste sub-capítulo foi o de reunir comentários e análises esparsas que não se enquadravam nos critérios definidos para as seções anteriores nem justificam dentro dos nossos propósitos um tratamento isolado e autônomo. Um deles é que a idéia de valor como traço intrínseco do objeto artístico foi suprimida para os formalistas, e a abordagem axiológica bakhtiniana é em parte uma reação a essa concepção, como lembra Tezza (2003, p. 36-37), afirmando também que para Bakhtin

A linguagem da literatura se especifica diante da linguagem da ciência, da religião, da moral, como sistemas de valores. Qualquer elemento formal abstrato – a trama, a fábula, a rima, o tema, o motivo – só entra na literatura quando já embebido de valor, de dimensão axiológica, não como trama ou forma abstratas, mas como bem, mal, verdade, mentira, crime, dever, morte, vitória, etc (...) (BAKHTIN apud TEZZA, 2003, p. 36-37).

Ainda na mesma direção, a análise seguinte também de Tezza está muito próxima a de Tchougounnikov (2005, p. 16-17):

O poeta, quando escreve, não seleciona um sistema abstrato de possibilidades fonéticas, gramaticais, lexicais – seleciona, isto sim, as avaliações sociais implícitas em cada palavra. Para o Círculo de Bakhtin, a palavra já entra na arte carregada de intenções, opiniões, traços sociais, com todas as marcas de seu território valorativo.

Deixo apenas registrado que, no mínimo, outros dois sub-tópicos poderiam e deveriam ter sido analisados neste trabalho, mas por limitações, sobretudo de tempo não o foram.

Apresento aqui apenas o primeiro, que diz respeito a possíveis contribuições significativas quanto à questão axiológica na obra “A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais”, como deixa indicado o próprio Bakhtin “à guisa de conclusão” no último capítulo:

As línguas são concepções do mundo, não abstratas, mas concretas, sociais, atravessadas pelo sistema das apreciações, inseparáveis da prática corrente e da luta das classes. Por isso cada objeto, cada noção, cada ponto de vista, cada apreciação, cada entoação, encontra-se no ponto de intersecção das fronteiras das línguas-concepções do mundo, é englobado numa luta ideológica encarnizada.// A língua do século XVI, e especialmente a de Rabelais, é acusada por vezes de ingenuidade, ainda hoje em dia. Na realidade, a história das literaturas européias não conhece língua menos ingênua que ela (BAKHTIN, 2008 [1940-65], p. 415).

Considerações (quase sempre nunca!) finais

Nesse momento, não fazemos mais do que registrar algumas considerações (quase sempre nunca!) finais.

Apoiada em Faraco, que opera com a totalidade do conjunto da obra bakhtiniana, iniciamos esta pesquisa partindo do ponto de que a questão do valor é um dos eixos ou grande coordenada da concepção de linguagem do Círculo. Temos clareza de que nosso trabalho, no qual apenas algumas obras foram contempladas, é irrelevante para abonar qualquer outro. Entretanto, percorrendo um pequeno pedaço do caminho trilhado por Faraco, sobretudo quanto à axiologia e à linguagem, ao modo de síntese e conclusão, mais uma vez concordamos com as análises por ele elaboradas.

A dimensão valorativa emerge não somente no tom emocional-volitivo, na entonação, no signo, na ideologia e na relação dialógica – conceitos que nos orientaram na organização da pesquisa e foram adotados como critério na composição dos capítulos – mas como Faraco demonstra, também em outros aspectos, o que justifica ser denominada de eixo ou coordenada: compreensão ativa; doutrina da refração; enunciação; vozes; grande utopia ou “senso de fé”; relação lingüística-metalingüística; enunciados artístico-estéticos; estilo; discurso reportado; autor e autoria.

Feitas estas considerações, permito-me fazer algumas outras.

Diria também reagindo-respondendo a Sobral (2008, p. 222) que sim, somos seres relacionais, mas a relação nela por ela mesma parece que ainda deixa lacunas. É condição necessária, mas não suficiente. Com esse estudo, fico com a impressão de que Bakhtin também postula que somos seres posicionais ou valorativos, ou seja, inexoravelmente

assumimos posições (tenhamos clareza disso ou não), nos posicionamos valorativamente e/ou avaliativamente, ainda que esse posicionamento pressuponha inevitavelmente uma relação, pois é impossível posicionar-se diante do nada.

Chego ao final dessa etapa de reflexões com a impressão de que a ótica do valor foi deixada se não completamente à margem na história da recepção do pensamento bakhtiniano, pelo menos deixada de lado como conceito menor, ou seja, sem características que fizessem dela uma estrela de primeira grandeza como dialogismo, polifonia, carnavalização e gêneros do discurso.

Talvez até por conta de que falar em valores atualmente (nos últimos trinta anos, principalmente) tem sido considerado algo um tanto quanto démodé, retrógrado, reacionário, antiquado ou tópico nem um pouco “pós-moderno”.

Talvez também porque ela esteja tão próxima, às vezes mesmo se confundindo, com a complexa e polêmica questão ideológica, que também anda fora das pautas das discussões mais recentes.

Talvez ainda porque não seja lá uma categoria (para aqueles que quiserem ver nela simplesmente mais uma categoria) muito produtiva com um alto grau de autonomia para ser aplicada aqui e ali desconectada do conjunto do pensamento.

Talvez porque principalmente o valor compreendido como entonação apenas na modalidade oral/acústica não necessariamente necessita de realização verbal ou lingüística em sentido estrito, e por isso o estudioso da língua não tem que trabalhar com a abordagem axiológica, já que ela não está materializada no seu objeto de estudo (a palavra).

Talvez, enfim, porque a originalidade e produtividade das “categorias mais importantes” (dialogismo, polifonia, carnavalização, gêneros...) tenham ofuscado a relevância da questão axiológica.

Apesar de todos esses “talvez”, chegamos ao final (sem concluir...) com a percepção de que a questão do valor é muito importante dentro do pensamento bakhtiniano em relação à linguagem. Com isso não se quer dizer que ela é “a” questão mais importante, nem tampouco a “única” questão, nem ainda que outras questões com enfoques diversos do que aqui foi apresentado não possam ser elaboradas.

Ao contrário, está presente em boa parte dos conceitos que compõem a concepção de linguagem do Círculo servindo como eixo orientador e combina com tantos outros se completando reciprocamente dentro de uma teoria, ou melhor, de uma filosofia da linguagem.

Ignorar completamente ou menosprezar sua importância deixando de incluí-la nos estudos bakhtinianos pode levar a visões diferenciadas sobre a linguagem em Bakhtin. Se esse

estudo contribuiu para menos evitar “visões equivocadas” (isto existe?) e mais chamar a atenção para a relevância de se incluir esse item como tópico permanente nas discussões, pode-se dizer que alcançou seu intento.

Enfim (e sem fim), nesta pesquisa, em que difere para a concepção de linguagem a “luz do valor” (ofuscada ou reluzente ou escondida debaixo do candeeiro)?

Enfim (e sem fim), com esta pesquisa, o que se concebe sobre a linguagem está em relação direta com o entendimento de que “viver significa ocupar uma posição de valores em cada um dos aspectos da vida, significa ser numa ótica axiológica”?

Referências

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. SP: Musa Editora, 2004 [2001].

_____. Para uma Filosofia do Ato: ‘válido e inserido no contexto’. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin, Polifonia e Dialogismo*. SP: Contexto, 2009a. p. 17-43.

BAKHTIN, Mikhail M. *Para uma Filosofia do Ato*. Tradução, não-revisada e de uso didático e acadêmico, de C. A. Faraco e C. Tezza. 1993 [1920-24].

_____. (VOLOSHINOV, V. N.). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1995 [1929].

_____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1952-53]. p. 277-326.

_____. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. SP: Hucitec; Brasília: Ed. UnB, 2008 [1940-65], p. 1-11 e 410-420 (Linguagem e cultura, 12).

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido y diálogo en Bajtín. *Acta Poetica* 27 (1) p. 104. 2006. Disponível em: <<http://132.248.101.214/html-docs/acta-poetica/27-1/97-114.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba/PR: Criar Edições, 2006a [2003].

MIOTELLO, Valdemir. Estudo da língua em Bakhtin: objeto e metodologia. In: SIGNORI, M. B. D.; GATTOLIN, S. R. B.; MIOTELLO, V. (Org). *Década: dez anos entre o aprender e o ensinar linguagens*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007a. p. 275-286.

PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Coordenação da tradução de Valdemir Miotello. SP: Contexto, 2008. p. 108-128.

SOBRAL, Adail. Filosofias (e filosofia) em Bakhtin. In: BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007b [2005]. p. 123-150.

_____. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2007c [2005]. p. 103-121.

_____. *O conceito de ato ético em Bakhtin e a responsabilidade moral do sujeito*. Revista eletrônica Bioéticos, Centro Universitário São Camilo, 2009; 3(1). p. 121-126. Disponível em: <<http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/68/121a126.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2009.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin /Volochinov/Medvedev*. SP: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

TEZZA, Cristovão. *Entre a poesia e a prosa: Bakhtin e o formalismo*. RJ: Rocco, 2003.

TCHOUGOUNNIKOV, Serguei. Por uma arqueologia dos conceitos do círculo de Bakhtin: ideologema, signo ideológico, dialogismo. In: ZANDWAIS, Ana (Org.) *Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 2005. p. 11-40.